

INTUITIO

PPGFil/UFGS | e-ISSN 1983-4012

DOI: <https://doi.org/10.36661/1983-4012.2025v18n1.14498>

SEÇÃO: Varia

A FUNÇÃO DA *EPOCHÉ* E REDUÇÃO NA ANÁLISE SOBRE A TEMPORALIDADE FENOMENOLÓGICA DE EDMUND HUSSERL: O FENÔMENO PURO E IMANENTE

The function of *epoché* and reduction in the analysis of the phenomenological temporality of Edmund Husserl: the pure and immanent phenomenon

Isabela Carolina Carneiro de Oliveira¹

<https://orcid.org/0000-0002-1602-4037>

icco@ufmg.br

Resumo: O objetivo do presente artigo é demonstrar de modo pontual a função da *epoché* e redução fenomenológica nas análises de Husserl e posteriormente a importância desse método nas suas investigações sobre o tempo. Constatamos que em sua obra o autor considerava esse método fundamental para o desenvolvimento da fenomenologia de cunho transcendental. Por essa razão, explicitamos que o dado absoluto, ou seja, o fenômeno puro e imanente obtido após a redução nada possui de transcendent. Finalmente, apontamos que mesmo uma investigação inicial sobre a temporalidade fenomenológica ficaria incompleta ou inacabada se não apontasse para: (i) a importância da correlação *noesis-noema* e (ii) a função da *hyle*, ou seja, dos dados sensíveis no fluxo dos vividos intencionais.

Palavras-Chave: Husserl. *Epoché*. Redução fenomenológica. Correlação *noesis-noema*. Tempo.

Abstract: The objective of this article is to demonstrate in general the function of *epoché* and phenomenological reduction in Husserl's analyzes and subsequently the importance of this method in investigations about time. We found that in his work the author considered this method fundamental for the development of transcendental phenomenology. For this reason, we explain that the absolute datum, that is, the pure and immanent phenomenon obtained after reduction has nothing transcendent. Finally, we point out that even an initial investigation into phenomenological temporality would be incomplete or unfinished if it did not point to: (i) the importance of the *noesis-noema* correlation and (ii) the function of *hyle*, that is, of sensitive data in the flow of intentional experiences.

Key words: Husserl. *Epoché*. Phenomenological reduction. *Noesis-noema* correlation. Time.

¹ Doutoranda e Mestre em Filosofia Contemporânea pelo Programa de Pós-Graduação da UFMG. Possui graduação em Filosofia e Pedagogia pela mesma instituição. Como pesquisadora, investiga e possui publicações sobre a consciência-tempo (*Zeitbewusstsein*) de Edmund Husserl, com ênfase nas intencionalidades dirigidas aos objetos temporais e quase-temporais, incluindo em sua análise o fluxo constitutivo do tempo e a especificidade da consciência absoluta. Atualmente, examina na vida da consciência, a função das modalizações enquanto variações de possibilidade na Fenomenologia de Husserl.

1. Introdução

O presente artigo possui a intenção de analisar e clarificar um certo modo de proceder fenomenologicamente. Isso pressupõe que a *epoché* tem a condição de atribuir a tudo o que é transcendente “o índice zero” (Husserl, [1907] 1996, p. 25; Moran, 2000, p. 146). A partir disso, constatamos que a fenomenologia passa a operar com um novo conceito “reduzido”, ou seja, o conceito de imanência. Consequentemente, apontamos que a imanência sugere que todas as pretensões de validade foram *a priori* negadas. Assim, o transcendente é colocado como objeto à parte da experiência independentemente de questões de existência ou inexistência (Husserl, [1907] 1996, pp. 28-29). A partir do que foi exposto é também fundamental explicarmos que a “atitude natural” [*natürliche Einstellung*] é colocada “entre parênteses” [*Einklammerung*]. Isso necessita ser elucidado. É interessante notarmos que Husserl fala sobre esse tipo específico de modificação da consciência desde a sua “consideração fenomenológica fundamental” [*Phänomenologischen Fundamentalbetrachtung*], a saber, a transição da atitude natural para a atitude fenomenológica (*Ideias I*, §§ 25, 27, 43, 44 e 77).

Porquanto, conforme veremos é essencial compreendermos que a redução tornou-se a própria essência da filosofia transcendental husseriana, interpretada como um novo Idealismo Transcendental. Por essa razão, Husserl lembra-nos “a fenomenologia transcendental exerce interferência no significado da visão de mundo natural. O momento em que cheguei à interpretação transcendental do modo de vida natural em geral e seu mundo – cheguei ao Idealismo Transcendental” (Husserl, 2002, p. 16, tradução minha).

2. Atitude natural e *epoché*

Husserl apresenta desde a obra, *A Ideia da Fenomenologia* (*Die Idee der Phänomenologie*), a necessidade de uma redução gnosiológica mediante uma crítica do conhecimento. A partir disso, temos o pressuposto fenomenológico no qual a redução possui a função de nos libertar do “enigma da transcendência” (Husserl, [1907] 1996, p. 69). Portanto, somente com a *epoché* e redução fenomenológica é possível obter um “dado absoluto”; um fenômeno puro que “exibe a sua essência imanente” e que nada oferece de transcendência (Husserl, [1907] 1996, p. 70).

Conforme foi explicitado anteriormente, a fenomenologia husseriana parte do posicionamento crítico quanto à atitude natural. Husserl aponta que na atitude natural o juízo

natural e ingênuo acessa o conhecimento somente através da experiência e com isto as certezas subjetivas são constituídas a partir dos dogmas e crenças. Além disso, de acordo com o esclarecimento de Ströker, “a *epoché* não é simplesmente uma abstenção privativa dessa crença, mas é em si mesma algo positivo – é sobretudo a revelação dessa crença como crença” (Ströker, 1997, p. 114, tradução minha). Tanto a *epoché* quanto as reduções são fundamentais para a fenomenologia de Husserl, uma vez que a partir delas podemos alcançar a tão almejada mudança de atitude.

Husserl lembra-nos no § 24 dos *Prolegômenos à Lógica Pura (Prolegomena zur reinen Logik)* que “todo conhecimento ‘começa com a experiência’, mas não ‘deriva’, só por isso, da experiência” (Husserl, [1900] 1913a, p. 57). Portanto, a maior falha do conhecimento natural é que este começa pela experiência e nela permanece, ignorando o horizonte de investigação que deve sempre ser o mundo. Como Husserl aponta:

no entanto, o seguinte também deve ser levado em consideração aqui. Devo praticar a *epoché* em relação a alguma realidade externa ou também em relação à minha existência humana. Quero desconsiderar o que realmente conta para mim aqui ou ali: claro que no sentido de ser que tem para mim, como essa mesa, como essa pessoa ali, como eu aqui e agora. Mas esse sentido de ser também inclui tudo o que eu assumi em meu ser – válido em minha co-experiência, co-pensamento, o que eu trouxe ao adotar tais tradições. Todos nós pertencemos ao mundo, eu pertenço como os outros, certos e vagamente desconhecidos outros, experienciando, que por sua vez têm seu horizonte de outros. Meu nós pertence ao mundo e nós (pertencemos) como experienciadores do mundo, reconhecedores do mundo, tratadores do mundo e produzindo assim existências de mundo novas e mudadas [...] (Husserl, 2002, pp. 438-439, tradução minha).

Nesse sentido, é de fundamental importância não entendermos mal o propósito da ἐποχή [epoché]. Ela não almeja abandonar ou excluir a realidade. O principal objetivo da *epoché* é o de “suspender ou neutralizar uma certa atitude dogmática em relação à realidade” (Zahavi, 2003, p. 45, tradução minha), para podermos focar diretamente no dado fenomenológico, ou seja, nos objetos tais como nos aparecem. Portanto, a *epoché* implica uma mudança de atitude em relação à realidade e não uma exclusão da realidade.

A *epoché* é a condição de possibilidade para a redução, pois ela faz parte da redução. Consequentemente, é necessário definir previamente que a *epoché* é o termo utilizado para a suspensão da atitude natural, empírica, metafísica e ingênua e a redução é “o termo para nossa tematização da correlação entre a subjetividade e o mundo” (Zahavi, 2003, p. 46, tradução minha). Contudo, ambas podem ser vistas como “elementos de uma reflexão transcendental, cujo objetivo é nos libertar de um dogmatismo natural [ista] e nos tornar

conscientes de nossa própria contribuição constitutiva (isto é, cognitiva, doadora de sentido)” (Zahavi, 2003, p. 46, tradução minha). Isso deve ser entendido da seguinte maneira: (i) na *epoché* ocorre a suspensão de tudo aquilo que é transcendente à consciência, ela é o primeiro passo para a mudança da atitude natural para atitude transcendental e (ii) consequentemente, a redução nos leva diretamente à subjetividade transcendental, que almeja “a unidade de uma vida voltada para a verdade e o conhecimento transcendental da razão (e para a *práxis* transcendental da razão em geral)” (Husserl, 2002, p. 17, tradução minha; Moran, 2000, p. 151). Além disso, o transcendental, conforme anunciamos anteriormente, só é pensável através da redução – aos olhos de Husserl, o método mais radical do filosofar².

É válido registrar que vários termos foram utilizados por Husserl para designar a suspensão ou *epoché*, dentre eles: (i) “abstenção” [*Enthaltung*] de toda crença existencial, (ii) “exclusão” [*Ausschaltung*] da nossa crença na realidade do que experienciamos, (iii) “tirar de ação” [*außer Aktion zu setzen*], (iv) “tirar de jogo” [*außer Spiel zu setzen*] todos os julgamentos que postulam de alguma forma aquilo que é efetivo [*wirklich*], e (v) colocar “entre parênteses” [*Einklammerung*] (Moran, 2000, p. 147; Depraz, 2004, p. 367).

Acrescenta-se ainda que na *epoché* todas as realidades não imanentes devem ser suspensas para que os fenômenos puros se tornem os objetos da investigação fenomenológica num “ver imanente” (Husserl, [1907] 1996, p. 70). Nesse sentido, o fenômeno puro não deve ser confundido com o psicológico, ou seja, com aquilo que é um fato psicológico vivenciado, pois somente na atitude natural ingênua nos dirigimos para as coisas percebidas no tempo objetivo, ou seja, o tempo enquanto grandeza acessível aos relógios e cronômetros.

O apontamento fenomenológico que aqui se impõe, após as críticas direcionadas à atitude natural, parte da insuficiência de considerarmos o conhecimento fundamentalmente uma vivência psicológica, pois é preciso ir além e nos libertarmos de todas as determinações transcendentais para alcançarmos fidedignamente “as coisas mesmas”, ou seja, aquilo que é dado em conexão com as nossas vivências e isto só é possível através da atitude fenomenológica (Husserl, [1907] 1996, p. 33; Depraz, 1993, p. 27). Portanto, a *epoché* deve ser realizada sobre toda essa esfera transcendental implicada e vivida por um “eu” que habita o mundo como pessoa humana inserida no tempo objetivo³. Conforme veremos no próximo

² Husserl afirma no § 11 das *Meditações cartesianas* que a própria estrutura do transcendental deve ser descoberta partindo das reduções (Moran, 2000, pp. 146-152).

³ A *epoché* é designativa das reduções fenomenológicas e transcendental. O seu significado etimológico é “suspensão” (Quijano, 2017, p. 38).

tópico desse artigo, é fundamental para a fenomenologia de Husserl, a “suspenção” ou “exclusão” dessa modalidade de tempo.

3. A necessidade da exclusão [Ausschaltung] do tempo objetivo: a importância da temporalidade fenomenológica

A temporalidade é o elemento fundante de todo o projeto fenomenológico de Husserl. Como nos mostra Dermot Moran e Joseph Cohen (2012, p. 320, tradução minha) “não só porque o tempo está essencialmente e estruturalmente aliado ao movimento e ao método da redução fenomenológica, mas também e mais importante, porque a temporalidade é para Husserl a própria modalidade em que se estrutura a unidade da consciência”.

Porquanto, é necessário *a priori* elucidar as dificuldades que emergem nas análises sobre o tempo. Husserl afirma no § 81 da obra *Ideias I* (*Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie*) que “o tempo, aliás, como ressaltará das investigações vindouras, é uma designação para uma esfera totalmente fechada de problemas, e de excepcional dificuldade”. Este tema trazia, segundo os apontamentos do autor, na parte B das *Lições* (*Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins*), os problemas mais difíceis da fenomenologia, mas também talvez o mais importante de toda a fenomenologia (Husserl, [1928] 1966a, pp. 276, 334)⁴. Mediante a referida dificuldade e importância do tempo para a fenomenologia, Husserl dedicou mais de três décadas à temática da temporalidade fenomenológica.

Inicialmente, Husserl se volta para a dificuldade de notação do tempo sugerida por Agostinho, em cuja afirmação sobre o tempo “se ninguém me pergunta sei, se pedem para explicar já não sei mais” (Agostinho, 1980) esse problema aparece quando tentamos explicar a consciência-tempo [*Zeitbewusstsein*] a partir da relação entre tempo objetivo e consciência

⁴ A Hua X, *Lições* (*Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins*) conta com textos escritos em diferentes anos. Observa-se, de acordo com a tradução parcial de Pedro Alves, que os textos que compõem os parágrafos da parte A das *Lições* foram redigidos nos anos: 1901 – §§ 22, 26 (4 linhas no penúltimo parágrafo), 27 (2º e 3º parágrafos) e 28 (1º parágrafo); 1905 – §§ 1 ao 6 e 7 (1º e 2º parágrafos); § 11 (2º parágrafo), § 14 (1º parágrafo), §§ 16, 17 e 19, § 23 (primeira metade), §§ 30 e 31 (1º parágrafo), §§ 32 e 33 (duas primeiras linhas), §§ 33 e 41; 1907 – Apêndices X e XI; 1907 a 1909 – §§ 21, 23 (segunda metade), 25, 26, 27 (1º parágrafo), 28 (2º parágrafo), 29 e 34; 1908 a 1909 – § 11 (1º parágrafo); 1909 – §§ 12 e 13; 1909 a 1910 – Apêndice III; 1910 – §§ 42 até o 45; 1911 – §§ 8, 10, 20, 35 até o 39 e Apêndice III; 1911 a 1912 – Apêndice XII; 1916 – Apêndices I, IV e VII; 1917 – §§ 14 (2º parágrafo), 15, 18, 21 e 24; data desconhecida – § 40 e Apêndices II, V, VI, VIII e IX. A parte B, na designação de Rudolf Boehm, conta com textos inéditos, mas também com reproduções de textos da parte A. Os textos que compõem a parte B foram redigidos nos anos: textos de número 1 ao 18 – entre 1893 e 1901; textos de número 19 ao 34 – entre 1904/1905; textos de número 35 ao 38 – entre 1905 e 1907; textos de número 39 ao 50 – entre 1907 e 1909; textos de número 51 a 54 – aparentemente entre 1909 a 1911.

subjetiva. Mediante tal dificuldade e impossibilidade, Husserl sugere como primeiro método de investigação, no primeiro parágrafo das *Lições*, a exclusão [*Ausschaltung*] ou *epoché* do tempo objetivo e de tudo que nele aparece como transcendências.

Husserl constrói sua teoria de constituição da consciência-tempo a partir da *epoché* do tempo objetivo transcendentente, visto que para entender essa constituição é necessário parentizar o tempo da natureza e a determinação de tempo como grandeza acessível aos cronômetros (Alves, 2008, p. 150). Contudo, é importante elucidar que a fenomenologia da consciência-tempo husserliana aqui apresentada possui como característica principal: “a exclusão de quaisquer suposições, afirmações terminantes e convicções a respeito do tempo objetivo” (Husserl, [1928] 2017, p. 45).

No entanto, não é a intenção de Husserl dizer que o tempo objetivo (transcendentente) parentizado não existe, tais coisas devem apenas ficar momentaneamente fora do campo de investigação para que a fenomenologia analise os modos de aparecer dos fenômenos no fluxo da consciência e a experiência do tempo como duração. Quanto a este tema, Husserl nos esclarece desde a Investigaçāo Lógica III, “um ponto de tempo enquanto tal, [...] é dependente, só pode ser concretamente preenchido em conexão com uma preenchida extensão temporal, com uma duração” (Husserl, [1901] 1913b, 2015, p. 222). Por isto, “se despedaçarmos a duração de um decurso temporal concreto, despedaçamo-lo a ele próprio” (Husserl, [1901] 1913b, 2015, p. 246).

É evidente desde a terceira seção das *Lições* a doação do conteúdo imanente das protossensações no tempo imanente, entretanto, o que sobretudo nos interessa e deve ser analisado é a duração que aparece como unidade imanente dos vividos intencionais no agora extenso. Nesse contexto, a duração [*Dauer*] aparece como unidade imanente dos vividos intencionais.

A temporalidade imanente e a sensação de duração temporal, obtidas como resíduo fenomenológico após a suspensão [*epoché*] do tempo objetivo, apontam para uma necessidade metodológica de desconexão inicial da relação entre o tempo da consciência e o tempo objetivo real e isto se deve ao fato de que o tempo objetivo não é nenhum dado fenomenológico original (Soto, 2012, p. 34). Quanto a este tema, Husserl nos esclarece desde a Investigaçāo Lógica V, “da redução ao fenomenológico resulta esta unidade da corrente de consciência, realmente em si mesma fechada e que temporalmente sempre continua desenvolvendo-se” (Husserl, [1901] 1913b, 2015, p. 306). Por conseguinte, constatamos que

há em toda a consciência um conteúdo imanente nos conteúdos da aparição [*Erscheinung*] de algo temporal constituído no fluxo da consciência.

A consciência nesse contexto aparece como uma abertura para o mundo, sendo assim, ela não pode ser meramente considerada como um cenário no qual aparecem simples imanências ou reminiscências, uma vez que não é o objetivo de Husserl fundamentar a consciência-tempo no modo como se forma o material *hilético* da sensação. Além disso, é necessário destacar que os conteúdos primários ou dados sensíveis deslocados de uma vivência são insuficientes, pois a fenomenologia da consciência-tempo não se restringe à apreensão dos conteúdos primários temporais ou aos meros conteúdos das sensações, visto que estes se isolados de um vívido não são intencionais. A partir do exposto, devemos então notar que existe aqui um entrelaçamento fundamental e originário no nível dos dados *hiléticos* num fluxo de dados sensíveis com os vívidos intencionais nos quais os dados *hiléticos* são constitutivos de vivências (Husserl, [1928] 2017, p. 47; Rabanaque, 1993, p. 10).

De acordo com os esclarecimentos de Husserl na Husseriana XV, *Para a Fenomenologia da Intersubjetividade (Zur Phänomenologie der Intersubjektivität)*, é precisamente quando se faz referência a essa estrutura originária da *hyle*, ou seja, aos fatos primordiais da *hyle* [*Urfakta der Hyle*], no sentido mais amplo, que se torna possível uma constituição teleológica escalonada do mundo e da subjetividade transcendental (Husserl, 1973, p. 385; Ghigi, 2010, p. 281; Moran; Cohen, 2012, p. 326).

Constatamos nesse momento do artigo que os dados *hiléticos* são fundamentais para a fenomenologia husseriana. Acrescenta-se ainda que a objetivação dos conteúdos temporais depende dos momentos dos conteúdos de sensação (dados *hiléticos*) que pertencem aos diferentes pontos temporais e atuais do objeto. Contudo, é de fundamental importância pontuarmos que no texto 13 da Husseriana XXXIII, *Manuscritos de Bernau (Bernauer Manuskripte)*, Husserl esclarece que os dados *hiléticos* estão sempre presentes e são unidades temporais constituídas (Husserl, 2001, pp. 258-260). Por essa razão, falaremos a seguir sobre a importância fenomenológica da correlação *noesis-noema*.

4. A correlação *noesis-noema*

A partir do que foi mencionado até o presente momento nesse artigo é inegável que um relato sobre as sínteses temporais permaneceria incompleto se não explicasse as conexões no nível dos dados *hiléticos* com os vívidos intencionais. Portanto, elegemos como passo

preliminar, a necessidade de destacar brevemente, a caracterização inicial de *hyle* dentro da estrutura imposta pela análise da fenomenologia estática. Para isso, constatamos que Husserl nunca abandonou completamente sua noção inicial de *hyle*, a saber, com o advento da redução fenomenológica, tematizou-se o *a priori* universal da correlação *noesis-noema*.

Os conteúdos da sensação, chamados na obra *Ideias I* de dados *hiléticos* ou *hyle*, são “portadores de raios de intencionalidade e cumprem a função de exibir as determinações de um objeto sem que eles mesmos sejam partes ou momentos do objeto” (Rabanaque, 1993, p. 8, tradução minha). Como nos mostra Rabanaque, Husserl expressa essa diferença fundamental quando aponta que:

o dado hilético que exibe, por exemplo, a determinação ‘vermelho’ de um objeto, é sentido, enquanto o vermelho objetivo é percebido (Hua X, 7). Em outras palavras, o dado da sensação é um conteúdo real-imanente da consciência, um componente *noético*, como apreensão, enquanto a coloração do objeto exibido através dele é transcendente, isto é, *noemático*. Por isso, ele afirma que não há diferença entre o sentir e o que é sentido (Hua XIX/I, 362): só seriam distinguíveis se houvesse uma relação intencional mediada entre eles, como ocorre no caso do objeto, que é percebido como correlato (*noemático*) das operações constituintes (*noéticas*) (Rabanaque, 1993, pp. 8-9, tradução minha).

Nesse contexto, é necessário explicar brevemente a relação dos termos *noesis-noema* para posteriormente retomar à reformulação conceitual sobre a *hyle* que nos interessa no itinerário husserliano concernente as investigações sobre o tempo⁵. Devemos entender por *noesis*: (i) no sentido mais amplo, são os componentes de uma vivência da consciência, que estão relacionados com as diferentes maneiras de intencionar, de ser consciente, por exemplo, perceber, prestar atenção, recordar, etc, e (ii) por *noema*, temos os correlatos intencionais correspondentes que são designados, por exemplo, o que é percebido como tal, ou seja, apenas na medida em que é percebido, bem como, o que é recordado como tal, apenas na medida em que é recordado (Steffen, 2010, p. 209). Ao *noema*, pertence o aparecimento unilateral do objeto, os diferentes modos de sua doação em seus sombreamentos [*Abschattungen*] perspectivos, juntamente com todas as referências já co-dadas dentro desses

⁵ A determinação exata de *noema* é um pouco mais difícil que a do conceito de *noesis*. Em vários lugares da obra de Husserl, essa determinação revelou-se pouco clara e até enganosa (cf. Ströker, 1993, p. 98). Por exemplo, quando o próprio Husserl afirma nas suas *Análises sobre a síntese passiva* (*Analysen zur passiven Synthesis*) que, “permaneço aqui em contradição com o *Ideias I* e nego que as unidades *noemáticas*, os sentidos objetivos, sejam transcendentas à vivência” (Husserl, 1966b, p. 334, tradução minha). Ou ainda, quando ele afirma que não há razão para distanciar o *noema* da vivência e negar-lhe o caráter de um momento real [*real*] (cf. Husserl, 1966b, p. 335).

sombreamentos, cuja unificação sintética o torna “o” objeto que aparece (Ströker, 1993, p. 99).

De modo pontual, mas não menos importante, temos que o significado de *noema* é apresentado por Husserl na forma de: “o percebido como tal” (Husserl ([1913], 2020, p. 203) – o percebido, recordado, fantasiado. “Como tal” significa, portanto – a coisa, considerada em estrita correlação com o ato relativo a ela na totalidade de sua singularidade. A “macieira florida no jardim” torna-se uma macieira percebida. Mas a percepção pode se tornar recordação, fantasia, consciência de imagem. Desta forma, Husserl isola um “núcleo central” em torno do qual diferentes camadas [*Schichten*] constitutivas se agrupam (Husserl ([1913], 2020), pp. 206, 208). A princípio, pode-se pensar que essas camadas eram apenas de natureza *noética* – o único objeto e, em relação a ele, a multiplicidade que o constituía, a saber, os momentos *noéticos* e *hiléticos*. Mas há também uma *variedade noemática* [*noematische Mannigfaltigkeit*]. Com isso, Husserl introduz o que chama de “caracteres”, ou seja, propriedades que se desenvolvem em direção ao objeto, pois é apenas um “percebido”, “recordado”, “fantasiado”, “esperado”. Eles são *noemáticos* devido ao núcleo invariavelmente idêntico de modo que não são apenas formas subjetivas ou modos de consciência. O núcleo *noemático*, por sua vez, recebe as disposições que já mencionamos. O caráter *noemático* do recordado, protensionado (expectativa de futuro) e fantasiado é derivado do percebido.

De acordo com os esclarecimentos de Elisabeth Ströker, existe uma tríade entre os componentes, a saber, *Hyle*, *Morphe* e o componente *tético* na estrutura *noético-noemática* proposta por Husserl. Nesse aspecto, o conteúdo real [*reell*] dos atos é diferenciado de acordo com os dados sensoriais e as formas de apreensão – isto é, matéria sensorial [*Hyle*] e forma intencional [*Morphe*], na qual essa diferenciação pressupõe um complemento na medida em que, juntamente com as formas de apreensão, encontramos momentos de apercepção sensorial que não apenas produzem a relação dos atos com a objetividade em geral, mas simultaneamente tornam essa relação concreta, de modo que o objeto em questão aparece determinado como tal. Além disso, como nos mostra Ströker:

a análise fenomenológica transcendental exige que o componente *tético* seja extraído e contrastado com esses momentos sensório-aperceptivos dos atos. É o primeiro componente, em particular, que a partir de agora terá a designação de *noesis*. Essa designação captura o fato de que um objeto não é meramente apreendido como um objeto determinado por uma certa qualidade de ato – digamos, como percebido, imaginado ou objeto de pensamento –, mas também apresentado como um objeto com certo sentido

de ser, seja ele pretendido como um objeto real, questionável, possível ou duvidoso (Ströker, 1993, p. 97, tradução minha).

É válido ressaltar que o componente *tético* desempenha um papel decisivo na demonstração da transcendência e da realidade. Pois, são nas *noeses* que se produz a relação objetiva dos atos, de tal maneira que nessas *noeses* se dá uma “doação de sentido”, ou seja, um certo sentido de ser é atribuído ao objeto. No sentido literal, Ströker afirma que o *noema* é um produto das *noeses* que só pode ser mostrado mediante uma análise constitutiva (Ströker, 1993, p. 98 – nota 49). Contudo, desde o início, deve-se ter em consideração que ambos os conceitos – *noema* e a *noesis*, devem ser compreendidos transcendentalmente.

Embora Husserl considerasse que sua aplicação extratranscendental também era, de certa forma, admissível – e, a esse respeito, o sentido do objeto, o *noema*, amplia o conceito semântico de sentido, que normalmente se restringe ao significado linguístico – não foi por acaso que Husserl introduziu sua terminologia *noético-noemática* somente após a redução transcendental. Pois é somente através da redução transcendental que os momentos *téticos* dos atos, as *noeses*, devem ser extraídos e os sentidos do objeto (anteriormente chamados de ‘objetos intencionais’), ou objetos no ‘como’ de sua aparição, devem ser apreendidos sob a tematização explícita de seu modo de ser como *noemata* (Ströker, 1993, p. 98, tradução minha).

Esse senso de ser, no entanto, deve ser levado em conta desde o início da análise correlativa entre a *noesis* e o *noema*, caso contrário, a diferença entre ser e ilusão, verdade e engano, perderia seu valioso significado dentro da atitude transcendental. No modo de certeza, como nos assegura Ströker, temos então que cada um dos *noematas* parciais somente podem ser mostrados através da elucidação *noético-noemática* da intencionalidade, na medida que o *noemata* se atualiza em cada momento “no seu modo como” do objeto aparente. Portanto, o *noema* pressupõe uma síntese identificadora após os sentidos *noemáticos* particulares do objeto terem sido sinteticamente unificados sob condições específicas da consistência. Assim, o que assegura o aparecimento de um objeto unificado no seu modo particular de identidade é uma determinação *noética* em todos os diversos sentidos parciais do objeto (Ströker, 1993, p. 99-100).

Finalmente, para entendermos a gênese primordial temporal e a relação que se impõe com a *hyle* é necessário retomar a essência geral, sem a qual essa unificação é impensável. Conforme afirma Rabanaque:

a temporalização se explicita a partir do curso absoluto da consciência em que se dá uma dupla intencionalidade: uma transversal, em virtude da qual os dados da sensação se constituem no presente vivo como uma

protoimpressão juntamente com seus horizontes de retenção das fases já decorridas e protensão de impressões antecipadas; e outra longitudinal, que possibilita a auto-retenção do próprio percurso (como consciência de seu próprio desdobramento temporal). Esta descrição traz duas novidades cruciais. Por um lado, revela uma esfera de intencionalidade passiva que contrasta com a intencionalidade de um ato na medida em que suas atuações ocorrem sem a intervenção ativa do ego. Por outro lado, caracteriza a sensação como intencional, dotada de uma estrutura interna – como uma unidade sintética temporal, devido ao qual esta nova concepção entra em conflito com a noção de material sem forma, intemporal (Rabanaque, 1993, p. 9, tradução minha)⁶.

Husserl aclara no texto 15 dos *Manuscritos de Bernau (Bernauer Manuskripte)*, que mediante a atitude da redução fenomenológica, temos o retorno ao fluxo das vivências puras e ao eu puro dessas vivências, ao ser imanente, cuja forma necessária é o “tempo fenomenológico” [*phänomenologische Zeit*] e a objetividade do tempo [*Zeitgegenständlichkeit*] imanente da consciência constitutiva. A lei essencial (a estrutura *eidética*) da consciência constituinte do tempo é em si mesma a primeira e a mais profunda lei da gênese da consciência e ao mesmo tempo uma constituição originária das objetividades (Husserl, 2001, p. 281).

Dito isso, podemos falar de um entorno ou meio *hilético* [*hyletischen Umgebung*] pertencente à forma essencial da consciência como uma necessidade absolutamente primeira. Não poderíamos falar de nenhum “ponto do tempo” imanente sem esse primeiro conteúdo objetivo. Não haveria o agora dos objetos-tempo [*Zeitgegenstände*] que constituem a vida da consciência sem a protoimpressão *hilética* que então se transforma no modificado (retencional e protensional). Isso inclui, como esclarece Husserl, outras leis nas quais: (i) não há um trecho do tempo vazio de *hyle*, (ii) as unidades *hiléticas* devem combinar-se com os objetos temporais, (iii) mas cada *hyle* tem sua existência qualitativa e esta não pode mudar de

⁶ É válido lembrar que a dimensão passiva da consciência corresponde à intencionalidade que opera sem a participação do ego (Husserl 1966b, p. 323; Rabanaque, 1993, p. 9). De acordo com Rabanaque (1993, p. 9), por um lado, abre-se aqui o caminho em questão sobre a gênese dos sentidos *noemáticos* na forma de uma pergunta retrospectiva sobre as sínteses passivas que possibilitam a atividade de uma apreensão objetiva. Por outro lado, o autor destaca que a análise genética revela, para além da forma universal do tempo, outros graus de constituição passiva, uma vez que o dado *hilético* é também o produto da síntese de conteúdo, o associativo, que permite moldar os campos de sensação [*Sinnesfelder*]. Rabanaque (1993, p. 10) ao afirmar que se “caracteriza a sensação como intencional” em contraste com aquilo que foi dito por Husserl em *Ideias I*, defende uma tese que simpatizo, a de que “só é possível superar esse problema ao considerar, como apontamos acima, os dados da sensação como produto da síntese passiva e, consequentemente, abandona-se sua caracterização como não intencional. Nesse sentido, podemos falar de um deslocamento da *hyle* para o lado *noemático* da consciência (cf. Holenstein, 1972, p. 21 - nota do autor). Dessa forma, a apreensão objetiva, a operação propriamente ativa de doação de sentido do ego, ocorre a partir dos campos de sensação estruturados na esfera passiva” (Rabanaque, 1993, p. 10, tradução minha).

forma descontínua de um ponto no tempo para outro ponto no tempo. As descontinuidades só são possíveis nos limites [*Grenzen*] do tempo continuamente preenchidos (cf. Husserl, 2001, p. 282). Assim tratado, por mais que uma mesma sensação dure entre um e outro agora, existe aqui uma diferença fenomenológica que corresponde à posição temporal absoluta, fonte da individualidade, e por isso, da posição temporal absoluta (cf. Husserl, [1928] 2017, pp. 111-115).

5. Considerações finais

Acima de tudo, conforme apresentamos, a *epoché* possui como característica essencial efetuar uma alteração ou mudança de atitude [*Einstellungänderung*], na medida em que através dela conseguimos nos afastar das “suposições naturalistas sobre o mundo, suposições profundamente enraizadas no nosso comportamento cotidiano em relação aos objetos” (Moran, 2000, p. 148, tradução minha). Portanto, essa “mudança de orientação” é permeada por um ponto de vista transcendental e um novo domínio transcendental da experiência. Quanto a este tema, elucidamos que o transcendental não deve ser concebido como uma dimensão da consciência meramente alcançada através da atitude ingênua, ou seja, psicológica.

Husserl sempre considerou a formulação sobre o conceito das reduções como a grande descoberta de sua filosofia. Assim, além de necessária a redução revela a essência da consciência intencional e da subjetividade transcendental. Por essa razão, temos que de certa maneira, experienciar a redução é experienciar um enriquecimento da própria vida subjetiva, pois ela se abre infinitamente diante de nós (Moran, 2000, p. 148).

Além disso, conforme explicitamos, Husserl destaca que em seu radicalismo por universalidade a fenomenologia transcendental [*transzendentale Phänomenologie*] possui como condição a necessidade de colocar entre parênteses as certezas ingênuas das ciências positivistas e da atitude natural mediante o mundo. Ademais, com a redução fenomenológica, a realidade da coisa em si é excluída. O que é a coisa e as suas determinações é exclusivamente descrito com base em sua aparição [*Erscheinung*]. Isso é possível porque a aparência é a doação do objeto que se mostra e não simplesmente uma imagem ou um signo na consciência (Bernet, 2005, p. 162).

De modo estrito, podemos entender que o objetivo aqui elencado era o de excluir as posturas e os julgamentos ingênuos sobre o transcidente com a intenção de destacar os

caminhos para uma epistemologia genuína e autêntica. Nesse sentido, falar sobre o idealismo transcendental fenomenológico é necessariamente reconhecer um “ideal” como condição de possibilidade para o conhecimento da objetividade [*Gegenständlichkeit*] em geral.

Acrescentamos que nas análises de Husserl é fundamental entendermos a consciência interna do tempo mediante a “exclusão” ou suspensão do tempo objetivo. Aqui, os dados sensíveis e sua duração são constituídos a partir do fluxo *hilético* em todos os campos de sensação [*Sinnesfelder*], portanto devemos direcionar a atenção para a correlação *noesis-noema*. Finalmente, tematizamos brevemente a função dos conteúdos sensíveis, pois um relato sobre as sínteses temporais exige previamente a menção e o entendimento das conexões no nível dos dados *hiléticos* com os vividos intencionais.

Referências

AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

ALVES, Pedro M. S. Tempo Objectivo e experiência do tempo: A Fenomenologia husserliana do Tempo perante a Relatividade Restrita de A. Einstein. *Investigaciones Fenomenológicas*, Espanha, nº. 6, pp. 145-180, 2008. Disponível em: <[Tempo objectivo e experiência do tempo : a fenomenologia husserliana do tempo perante a relatividade restrita de A.Einstein | Investigaciones Fenomenológicas \(uned.es\)](#)>. Acesso em: 08/01/2024.

BERNET, Rudolf. Perception as a Teleological Process of Cognition. In: Edmund Husserl Critical Assessments of Leading Philosophers - *The Nexus of Phenomena: Intentionality, Perception and Temporality*. Vol. III, parte V. Ed. Rudolf Bernet, Donn Welton e Gina Zavota. New York e Canada: Routledge, 2005. pp. 159-171.

DEPRAZ, Natalie. "Epokhê". In : CASSIN, Barbara. *Vocabulaire européen des philosophies* (Ed.). França: Editions du Seuil, Dictionnaires Le Robert, 2004. pp. 366-367.

GHIGI, Nicoletta. "Teleologie". In: GANDER, Hans-Helmuth. *Husserl-Lexikon* (Ed.). Darmstadt: WBG, 2010. pp. 280-282.

HOLENSTEIN, Elmar. *Phänomenologie der Assoziation. Zu Struktur und Funktion eines Grundprinzips der Passiven Genesis Bei E. Husserl*. Phaenomenologica, vol. 44. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1972.

HUSSERL, Edmund. *A ideia de Fenomenologia*. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, ([1907] 1996).

_____. *Analysen zur passiven Synthesis. Aus Vorlesungs und Forschungsmanuskripten, 1918-1926*. Ed. Margot Fleischer. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1966b.

_____. *Die Bernauer Manuskripte über das Zeitbewusstsein (1917/1918)*. Ed. Rudolf Bernet, Dieter Lohmar. Dordrecht, Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2001.

_____. *Ideen zur einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. Zweites Buch: Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution*. Ed. Marly Biemel. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1952.

_____. *Ideias para uma Fenomenologia pura e para uma Filosofia fenomenológica*. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Ideias e Letras, ([1913] 2020).

_____. *Investigações Lógicas: Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento*. vol. 2, parte 1. Trad. Pedro M. S. Alves e Carlos A. Morujão. Rev. Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Forense, ([1901] 1913b, 2015).

_____. *Investigações Lógicas: Prolegômenos à Lógica Pura*. vol. 1. Trad. Diogo Ferrer. Rio de Janeiro: Forense, ([1900] 1913a, 2014).

_____. *Lições para uma Fenomenologia da Consciência interna do Tempo*. Trad. Pedro M. S Alves. Rev. Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, ([1928] 2017).

_____. *Meditações Cartesianas e Conferências de Paris*. Trad. Pedro M. S. Alves. Rio de Janeiro: Forense, ([1931/1929] 1950, 2013).

_____. *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität. Texte aus dem Nachlass. Dritter Teil: 1929-1935*. Ed. Iso Kern. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1973.

_____. *Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins (1893-1917)*. Ed. Rudolf Boehm. Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1928] 1966a).

_____. *Zur phänomenologischen Reduktion. Texte aus dem Nachlass (1926- 1935)*. Ed. Sebastian Luft. Dordrecht, Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2002.

MORAN, Dermot. *Introduction to Phenomenology*. USA, Canada: Routledge, 2000.

MORAN, Dermot; COHEN, Joseph. "Time [Zeit]". In: *The Husserl Dictionary*. Continuum Philosophy Dictionaries (Ed.). London, New York: Continuum International Publishing Group, 2012. pp. 320-326.

QUIJANO, Antonio Zirión. *Breve Diccionario Analítico de Conceptos Husserlianos*. México: Facultad de Filosofía y Letras / Instituto de Investigaciones Filosóficas. Universidad Nacional Autónoma de México, 2017. p. 38.

RABANAQUE, Luis Román. Campo de trasfondo y dato Hyletico. *Agora*, Santiago de Compostela, vol. 12, nº. 2, pp. 7-21, 1993. Disponível em: <pg_009-024_agora12-2.pdf (usc.es)>. Acesso em: 08/01/2024.

SOTO, Francisco Conde. *Tiempo y conciencia en Edmund Husserl*. Santiago de Compostela: Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2012.

STEFFEN, Frank. "Noesis/Noema". In: GANDER, Hans-Helmuth. *Husserl-Lexikon* (Ed.). Darmstadt: WBG, 2010. pp. 209-211.

STRÖKER, Elisabeth. *Husserl's Transcendental Phenomenology*. Trad. Lee Hardy. USA: Stanford University Press, 1993.

_____. *The Husserlian Foundations of Science. Contributions to Phenomenology in cooperation with the Center for Advanced Research in Phenomenology*. Vol. 30. Ed. John Drummond, Mount Saint Mary's. Dordrecht: Springer, 1997.

ZAHAVI, Dan. *Husserl's Phenomenology*. California: Stanford University Press, 2003.

Recebido em: 04/07/2024.

Aprovado em: 20/10/2024.

Publicado em: 01/08/2025